ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

Elson Dias de Oliveira[i]
Universidade Estadual de Montes Claros

O coveiro

Nome de batismo? Quase ninguém sabe... Carece não, senhor! Pelo poder que tem a boca do povo, fui batizado de novo: Coveiro, no simples, sem renome nem sobrenome. Como há muitos Coveiros, iguais em tudo e na sina de abrir o chão para ricos e pobres, cristãos e pagãos, falecidos de morte morrida ou de morte matada, fico sendo aquele da Vereda Funda, cá onde o Jequitaí se afoga no Velho Chico, altas quebradas dos gerais de Minas.

Sou sozinho, vivendo num rancho de sapé, quase no pé do morro. Tenho cá minha lavoura; meu gadinho miúdo minguado; e as tralhas de pescar meus curimbas. No mais, nunca arranjei casamento, não; só umas quengas de vez em vez, tudo ligeiro e desapegado. Quando falo em ajuntar os panos, elas evaporam... Acho que não querem eternização, de vidas e momentos, com quem trabalha conforme as luas da morte. Mas quá! E eu até tenho por ela um respeitozinho, sim, pois é mais justa que o nascimento. Vigie: ninguém escolhe nascer pobre e feio, já o morrer é para todos! Pois num é?!

Além do mais, o que seria da humanidade se não existissem os coveiros? Haveria urubus pra tantos restos mortais? Um moço me disse que nas cidades grandes já se usa é botar fogo nos corpos e guardar as cinzas. Bestajada! Onde é que já se viu? Defunto, por aqui, tem suas regalias garantidas: terno, caixão, cortejo, terra, flores e tudo o mais. E continuamos, os coveiros, sendo muito procurados. Utilidade nossa é da grandiosa. Só não pagam muito, abusam da nossa boa vontade. Ao que, não bastasse as míseras gorjetas – uma merreca! –, por um serviço tão valioso, ainda nos incomodam bem no meio da noite, pra poder enterrar mais um mortal que bateu caçoletas.

Foi o que me sucedeu – alembro bem – na madrugada de dois de novembro do ano retrasado, dia dedicado aos finados todos. Pois preste assunto! A pobre da vez se chamava Jacira. Quando em vida: uma bela moça, formosa que só. Ê diá! Cinturinha de pilão e tudo! Maravilhas de boniteza, a cabrochinha. Mas, vigie: o Canhoto regia governança no corpo dela. Pois é..., a infeliz era possessa. Dava chiliques e tresvariava quase todo

santo dia; debatendo no chão, feito minhoca na chapa quente, e espumando pela boca, que nem um cão raivoso. O médico da cidade disse que era doença, tal de pilepcia. Quá! Doença que nada! Parecia coisa feita. A mãe dela, uma viúva velha malvada, era feiticeira fazedora de mandinga; amarrava boca de sapo, essas coisas. Decerto que deve ter negociado a alma da filha – todo mundo dizia.

Por conta disso, o velório quase não teve visitas. Não queriam velar a morta, não, com medo de maus espíritos. Caso raro, pois velório, por aqui, parece comício de político: tem até comes e bebes. Esse povo é assim: gosta duma tafularia de reza e de louvores, mas parece que, de verdade, a rezação não vale de nada, não. Tomam chá de sumiço numa hora dessas. Rebuliço mesmo foi só pra dar fim ao corpo, sem demora nem muita cerimônia. Tanto que nem deu tempo de chamarem o padre pra fazer o encomendatório, encomendação, recomendação... O arraial da Vereda Funda fica a muitas léguas da cidade. Quem faz o rezatório por aqui é dona Maria das Dores, a beata-rezadeira mais popular que tem nas redondezas. Não mede estrada; se mete em tudo quanto é casa de vivo, de morto ou de moribundo, pra fazer reza mansa e reza brava.

Então, era por volta de umas três da madrugada quando mandaram me chamar:

— Seo coveiro, a moça dos piripaques morreu. Estão pedindo pro senhor abrir logo a cova, que é pra mode poder enterrar logo – gritaram dois rapazinhos, fazendo berreiro, no pé da cerca.

Bem, eu já sabendo que a dita-cuja tava mais pra lá do que pra cá, cuidei de aprontar, alguns dias antes, seus palmos de fundura. Mas arrepare: eu cavando a cova, senti uma friagem – assim de repente. Estranhei, pois eram umas três da tarde e o sol luava. Horas abertas, dizem. Mas não era nada, não! – desembestei. Poucas vezes preparo as valetas com antecedência, adiantando o serviço. Ah, em segredo que faço isso, pois povo daqui não gosta que abro o buraco se o candidato a morto ainda estiver respirando. Dizem que é mau agouro, que é uma afronta aos doentes. Que nada! Superstição de gente medrosa. Mais dia, menos dia, todos não param de respirar? Favas contadas. Além disso: eu ter que cavar no meio da madrugada? E a sorte!

— Pois diga que no prazo de uma hora o buraco estará aberto – menti, sonolento.

— Hein? Assim tão rápido? – estranhou um dos moleques.

— Menino, infusado, não é da sua conta! Vá embora e dê o recado – repreendi.

Uma hora foi o tempo de eu me levantar, coar um café redondo, aprontar as tralhas do sepulto e ir acompanhar o cortejo. Mas – por essa luz que me alumia! – vigie só: saindo de casa, me bateu outra vez um forte vento frio; quase deixei as ferramentas caírem no chão. Louvado seja Deus! – fiquei encabulado. Depois descri, com um padre-nosso. Bobice, pois era noite e serenava. Segui rumo ao cortejo. Cortejo? Eu nunca vi um morto tão solitário. Não deram cabo de aumentar a comitiva, nem pra se verem logo livres da endemoninhada. Só quatro homens, pra levarem a urna, e dona Maria das Dores debulhando o rosário e cantando pelas ruas do arraial:

Com minha Mãe estarei na santa glória um dia.
Ao lado de Maria no céu triunfarei.
No céu, no céu, com minha Mãe estarei!
No céu, no céu, com minha Mãe estarei!

Eu não sou de ficar julgando ninguém, não, mas - cá entre nós - pensei: para o céu vai ser difícil essa aí se encaminhar. Do jeito que morreu, já deve estar com o Demo. Será? Ao que, feita uma pausa no rezatório, puxei conversa:

— Boa noite, dona Maria! Vejo que é de bom coração sua cantoria.
— Boa noite, Seo Coveiro! Faço por caridade, é um ato costumeiro.
— Meu ofício é o de enterrar, mas não abro mão de acompanhar.
— És também um irmão das almas. Tua recompensa Deus dará.
— Amém! Mas será que a pobrezinha ainda tinha salvação?
— Não se esqueça do evangelho, da passagem do bom ladrão.
— O povo anda dizendo que sua alma tinha sido pactuada.
— Picuinha dessa gente! A alma vem de Deus e não pode ser negociada.

Ah, foi só tocar em assunto de pacto e eu me arrupiei, senti um vento frio de novo. Apavoramento? Os batimentos do meu coração queriam se revoltar, mas eu não deixei, não. Apeguei-me à minha Nossa Senhora da Aparecida. Aí, estranharam minha reação, sendo que dona Maria até quis saber o que eu tinha. Perguntei se eles também sentiram aquilo, aí disseram que não. Então era só comigo? Êpa, diacho! Duvidei. Não tenho medo nem de espírito de morto nem de espírito de vivo. Sangue-frio a gosto! Negócio de alma penada vir bater perna em altas horas? Asneira, desminto. Fomos adiante e entramos no cemitério.

Em nenhum outro lugar havia cerração, lá dentro sim – encafifei. Mas pelo menos não foi preciso usar lamparina; a lua clareando, redondinha. Beirava umas quatro e meia da matina quando penetramos naquele

acinzentamento. Os carregadores puseram a empacotada no chão, ao lado da cova. Dona Maria fazia os finalmentes do rezatório, enquanto eu amarrava as cordas no paletó de madeira. Sem o nhem-nhem-nhem dos enterros de sempre, depositamos a urna e começamos a enterrar.

Nas derradeiras pazadas e enxadadas o pessoal já deu sinal de querer ir embora. Pressa besta! Os homens acompanharam dona Maria até a casa dela, e eu – como muitos antes e muitos depois – fiquei terminando o serviço sozinho. Eu e Deus. Assim, é o que eu digo e redigo: a vida não dá moleza, não; é demais severa, na severidade, para quem teve que encarar o ofício de dar o fim-final aos restos mortais da nossa miséria.

Vê se pode: faltando pouco pra terminar, me veio o diabo do vento gelado novamente. Tem cabimento uma coisa dessa? E mais: juro, de pé junto, por Deus nosso Senhor, que escutei um barulho. No benzimento, reparei bem: vinha do fundo da cova. Amarelei? Nem nada! Não posso! Amansei outra vez meus batimentos. Mas não é possível: até depois de morta a moça dava seus ataques? E tinha como ter certeza? Se fossem os últimos suspiros, que ficassem sendo. De resto, ajuntei o montinho de terra em cima da cova e fui embora. Só fiquei matutando se o vento frio veio da parte da endemoninhada. As ideias! E a natureza não tem desses repentes? Ora esfria, ora esquenta. Às vezes até a chuva se forma no ligeiro, sem avisar, e cai caindo. E o barulho? Eu não dou ousadia pra piripaques de morto, não: se enterrar está enterrado. O senhor vigie: *o coveiro é, antes de tudo, um forte!*

[i] E-mail do autor: elsonrpm@yahoo.com.br